

A GUERRA DO PARAGUAI POR MEIO DE DIÁRIOS E REMINISCÊNCIAS

BRAZ BATISTA VAS*

SILMÁRIA MOUZINHO DE OLIVEIRA**

RESUMO: O presente trabalho intitulado “*A Guerra do Paraguai por meio de diários e reminiscências*” tem como objetivo principal analisar e problematizar alguns diários e reminiscências, de pessoas que participaram ou foram contemporâneas ao evento histórico conhecido na historiografia brasileira como a Guerra do Paraguai. Desse modo, procuramos historicizar o cotidiano e a vivência de soldados e voluntários da Pátria, dentre outros, que acompanharam o Exército para lutar na guerra contra o Paraguai, destacando suas angústias e tristezas, a partir das vivências cotidianas, relatando desde as dificuldades enfrentadas por eles no decorrer das batalhas face aos paraguaios, como os acampamentos e a convivência diária.

PALAVRAS-CHAVES: Guerra do Paraguai; Diários, Reminiscências; Cotidiano.

ABSTRACT: The present study titled “*The War of Paraguay through diaries and reminiscences*” aims to analyze and discuss some diaries and reminiscences of people who participated or were contemporary to the historical event known in Brazilian historiography as the Paraguay War. This way we seek to historicize the daily life and experiences of soldiers and volunteers of the homeland among others, who get together the army to fight in the war against Paraguay, highlighting their troubles and sadness, from daily experiences, reporting from the

* Professor Adjunto do curso de História da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus de Araguaína; E-mail: brazbv@gmail.com; Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP Campus de Franca;

** Graduada em História – Licenciatura pela Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus de Araguaína; E-mail: silmaria.mouzinho@hotmail.com.

difficulties faced by them during the battles against the Paraguayans, as in the camps and in daily living.

KEYWORDS: Paraguayan War; Diaries; Reminiscences; Everyday.

Introdução

A Guerra do Paraguai, como a conhecemos na historiografia brasileira, iniciou-se em 1864, a partir da ação de Francisco Solano Lopez, presidente do Paraguai a época, invadindo o território brasileiro para chegar ao Uruguai, e atuar de forma mais intensa e direta nas questões geopolíticas platinas, naquele momento, inicialmente, uruguaias (MENEZES, 2012).

Desse modo, utilizando-se dos rios da Bacia do Prata, Solano Lopez passou a cobrar impostos das embarcações, especialmente as brasileiras que se dirigiam a Mato Grosso e passavam pela capital paraguaia. Na sequência, Lopez, visando a província de Mato Grosso, aproveitou-se da fraca defesa brasileira dessa região e a invadiu sem grandes dificuldades. Essa invasão motivou a expansão das ações militares paraguaias através do território brasileiro. Neste sentido, o próximo alvo dos paraguaios foi a província do Rio Grande do Sul, todavia, para essa conquista ele precisava passar por território argentino. Diante da negativa argentina em consentir no trânsito de tropas paraguaias por seu território, Solano Lopez invadiu e tomou Corrientes.

Diante desses eventos, os governos do Brasil, Argentina e Uruguai decidiram formar a chamada Tríplice Aliança, unindo forças contra o Paraguai, a partir de 1º de maio de 1865, em Buenos Aires. Assim, os países que formaram a Tríplice Aliança procuraram, de certa forma, defender seus respectivos interesses e se impor como potências regionais. Esse mosaico geopolítico levou a uma guerra longa e violenta, que durou cinco anos.

Considerando este contexto, o objetivo desta reflexão é demonstrar a importância histórica e destacar o diálogo entre as narrativas e memórias de indivíduos que vivenciaram o conflito,

identificando os discursos produzidos a partir de cada uma. Discursos que, em alguns casos podem ser incoerentes ou, noutros, convergentes com as diversas pesquisas e fontes que circundam os episódios da guerra. Cabe ressaltar que o foco principal é esboçar um panorama geral da guerra como reflexão sobre os eventos principais e destacar o diálogo existente entre os diferentes textos e visões historiográficas a respeito dessa contenda.

Posteriormente é feita uma análise do cotidiano e da vivência de alguns soldados e Voluntários da Pátria que acompanharam o Exército Brasileiro para lutar na Guerra do Paraguai (1864-1870), tomando como fontes privilegiadas para tal, diários e reminiscências de algumas dessas personagens que participaram diretamente do conflito. Assim, priorizamos o uso de três Diários Pessoais que nos remetem a estas memórias, para entendermos melhor o que esses sujeitos enfrentaram durante os dias vividos frente às batalhas, marchas e acampamentos onde se alojaram.

O debate historiográfico

A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi a maior guerra na América do Sul desde a sua colonização. Diante disso, podemos observar que vários estudiosos tentaram justificá-la, cada um tendo uma versão para os interesses que teriam levado à eclosão do conflito, que muitas vezes se convergem, ou se distanciam. Esses discursos utilizados são exemplo de como a História pode servir para vários fins. Desse modo, mostraremos no texto que segue não só as diferentes visões do conflito, mas antes de tudo, buscando compreender a Guerra do Paraguai em suas variações interpretativas.

A vertente Tradicional

As primeiras narrativas historiográficas sobre este conflito foram produzidas logo após a sua conclusão, como menciona Maestri, *“As primeiras obras brasileiras sobre a Guerra, em geral de forte cunho memorialista, foram realizadas durante e imediatamente*

após o conflito” (2010: 200). Essas obras, sobretudo de oficiais combatentes, foram construídas através da seleção e organização dos discursos desenvolvidos pelo Estado e pelas elites imperiais durante e após o confronto.

A historiografia cuja vertente chamamos aqui de tradicional, da qual fazem parte autores como Dionísio Cerqueira, Visconde Taunay, Sena Madureira, dentre outros profissionais e oficiais que participaram da guerra contra o Paraguai, de modo geral explicam a origem da guerra como sendo fruto das pretensões e ambições do chefe do Estado paraguaio, Francisco Solano López.

Essa vertente historiográfica surge no Brasil, principalmente para justificar a guerra contra esse país, pois, quando o Paraguai tenta se apoderar, por assim dizer, de parte do seu território, o Brasil vê-se obrigado a defender ‘patrioticamente’ seus limites territoriais, dessa forma, o país mobilizou a sociedade a participar da guerra, provocada pelo presidente López. Continua Maestri:

Trataram-se, sobretudo, de narrativas sobre o heroísmo e abnegação das forças armadas – identificadas essencialmente à oficialidade – em defesa do Brasil e da “civilização”, agredidos por “barbárie” corporificada pelo ditador paraguaio. (MAESTRI, 2010: 200).

Percebe-se, assim, que a participação do Brasil apoiava-se em valores como heroísmo, integridade, bravura, abnegação. Ou seja, criou-se uma ideologia política, construída pela intelectualidade brasileira, que apontava o Brasil como um Estado superior, em termos de projeto civilizacional, à república paraguaia. Para apoiar a ideia de que a intervenção militar constituiu-se em uma reação ao ataque aos territórios brasileiros, travando uma verdadeira luta entre a “civilização” contra a “barbárie”, esses relatos propuseram, comumente, como o estopim do conflito o aprisionamento do vapor brasileiro Marquês de Olinda, em 12 de novembro de 1864, quando este navegava em águas paraguaias rumo à província de Mato Grosso. E não a intervenção brasileira, um mês antes, contra o governo constitucional uruguaio, apoiado pelo Paraguai.

Essa versão perdurou por muito tempo, tendo recebido

profundas influência do processo de fim da monarquia e surgimento da república, subsistindo em seus elementos gerais até praticamente a década de 1960. Desta década em diante é que surge uma nova corrente, a revisionista, que iremos comentar na sequência. Alguns autores desdobram essa vertente, o qual chamamos de tradicional, em mais fases ou subfases.

A vertente Revisionista

Ainda no final do século XIX surge o esboço de uma nova vertente que contestava a causa da guerra como sendo exclusivamente culpa do presidente paraguaio Francisco Solano López. No Brasil, no final do século XIX, adeptos do positivismo, contrários ao regime monárquico, passaram a responsabilizar o Império do Brasil como o grande culpado pelo conflito e por muitas das barbaridades praticadas em seu curso. Mas, ao longo dos anos, os positivistas desapareceram de cena e o que prevaleceu foi uma história oficial, transmitida através das gerações, pelos manuais escolares. Além disso, somente na década de 1960 surge no Paraguai um forte grupo literário que reconstrói a imagem do General Francia, de Carlos Antônio Lopes e, principalmente, de Francisco Solano López, presidentes paraguaios, apresentando-os como verdadeiros defensores dos interesses e do desenvolvimento econômico do Estado Paraguai.

Essa vertente historiográfica apresentava o Paraguai como uma potência entre os países da América do Sul. Desenvolvido e muito bem industrializado, um país com índice de analfabetismo praticamente zero, um exército permanente maior e melhor treinado do que qualquer outro da América do Sul, e extremamente disciplinado. Assim o Paraguai teria, graças a seus presidentes-ditadores, centralizado todo o poder e fechado suas portas para a entrada, em especial, do capital britânico. Dessa forma, fugiu, por assim dizer, das mudanças do mundo capitalista, e evitou se tornar mais uma nação dependente do capital estrangeiro, principalmente da Inglaterra. Por isso, segundo essa vertente, Brasil e Argentina teriam sido manipulados pela Inglaterra para combater o desenvolvimento autônomo do Paraguai, abrindo,

assim, o mercado do país platino ao capital britânico.

Podemos destacar, então, alguns autores que contribuíram com essa vertente, como León Pomer, historiador argentino, que publicou obras como *Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense* (do original “*La Guerra del Paraguai: Gran Negócio!*”), e *Guerra do Paraguai: nossa guerra contra esse soldado*. Em suas obras, Pomer traz sempre estudos com ênfase na economia dos países envolvidos no conflito durante o período da guerra, com especificações dos empréstimos por eles contraídos junto aos Bancos particulares ingleses. Para ele, a Inglaterra conseguiu aumentar substancialmente a dependência de países como Argentina e Brasil, já que estes contraíram dívidas enormes com os bancos ingleses. Pomer diz que:

[...] o que realmente lhe está interessando com urgência é o comércio, a navegação pelo Paraguai e o livre e irrestrito acesso a Mato Grosso. Esta questão tem prioridade total tanto para o império como, principalmente, para seu mentor britânico, que sem isto não poderá saquear o ouro das distantes terras brasileiras. (POMER, 1984: 20).

Pensava-se, nestas obras, que os problemas do mundo resultavam basicamente da exploração imperialista, e desta forma a Guerra do Paraguai seria um próprio e típico exemplo dessas disputas imperialistas. Assim, o fomento à guerra, para este autor, é atribuído à Inglaterra, que teria manipulado Brasil e Argentina para derrubar o Paraguai.

No Brasil podemos destacar outro nome que faz parte dessa vertente historiográfica, o jornalista Julio José Chiavenato, com o seu livro *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai* (1982). Este livro, publicado inicialmente no final da década de 1970, ensinou gerações de estudantes que a Inglaterra, ao destruir o Paraguai, consolidaria sua posição hegemônica, por assim dizer, na América do Sul, acabando com seu último Estado independente e livre em relação ao capitalismo, abrindo mais um mercado para seus produtos manufaturados.

É importante notar nessa obra, como o autor exalta a figura do ditador paraguaio Francisco Solano López, e aponta o Paraguai como o grande agredido na guerra. Os paraguaios absorveram

muitos elementos dessa versão como a verdadeira e oficial do conflito, o que levou a exaltação da imagem de Francisco Solano López.

Com base em Chiavenato, com a guerra, “*começa a maior tragédia americana. Nasce o maior líder de povos da América: Francisco Solano López, herói da resistência popular ante o avanço do imperialismo colonizador*” (CHIAVENATO, 1982: 59).

Vale complementar que o discurso deste autor privilegiou fortemente a ação de Carlos Antonio López e de seu filho Francisco Solano López, minimizando desse modo, o papel das classes populares na construção do Estado paraguaio, ou seja, narrou este acontecimento visto apenas pelas classes dominantes nacionais e não pelas populações envolvidas nessa guerra.

Compreende-se que essa vertente obteve grande sucesso editorial e influenciou o imaginário histórico brasileiro por longo período, principalmente com relação à memória deixada pelos horrores causados pela guerra, que por vezes, se torna meio que esquecido pelo discurso nacional-patriótico.

Embora uma nova vertente, que explica e aprofunda melhor esses acontecimentos, tenha surgido, como logo veremos, no qual autores como Leslie Bethell, Francisco Doratioto, Alfredo Menezes, Mário Maestri, Ricardo Salles dentre outros, que compõem uma nova historiografia sobre o conflito, identificam a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai como fruto de interesses dos Estados Nacionais do Prata e seus problemas internos, ligados a geopolítica regional, a teorias revisionistas ainda tem grande impacto na historiografia sobre esse conflito no Brasil, especialmente na produção histórica que circula nos ambientes escolares.

A nova historiografia sobre a guerra

A partir do final dos anos de 1980, surgiram no Brasil alguns trabalhos com nova abordagem sobre a Guerra do Paraguai. Fundamentados em ricas fontes documentais, essa corrente propõe novas perspectivas a respeito das causas e o desenrolar do conflito, avançando também sobre outros elementos, gêneros

e tipos de abordagens sob as quais se pode compreender esse evento histórico.

Para os pesquisadores desta vertente, as principais motivações da Guerra foram as questões geopolíticas regionais, as disputas por territórios e os interesses de ambos os lados em ter um determinado controle sobre a valiosíssima Bacia do Prata e demais questões internas dos países envolvidos. Neste sentido, vale ressaltar o fato de que a guerra também deve ser vista como uma fase do processo de formação das identidades regionais e nacionais nesta mesma região.

Outra grande preocupação dessa vertente é a de desmistificar a ideia de que o Paraguai era uma potência, tanto regional quanto mundial, como defendia o revisionismo histórico da década de 1960-70. Ao contrário do que defenderam Chiavenato e Pomer, o Paraguai é visto por esses estudiosos do conflito, como um país predominantemente agrário, que contava apenas com pequena industrialização em todo o seu território, além das condições de vida da população serem muito ruins.

Essa corrente tem como representantes, por exemplo, Ricardo Salles (1990), Leslie Bethell (1995), Wilma Peres Costa (1996), Francisco Doratioto (2002), Mario Maestri (2010), Alfredo Mota Menezes (2012) e demais estudiosos dessa temática que se debruçaram em vários documentos, de forma a comprovar a redução da influência da Inglaterra e redimensionar os interesses dos países envolvidos.

Começando por Francisco Doratioto (2002), por ser o maior representante dessa corrente, com seu *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. Esse livro é leitura obrigatória, digamos assim, para aqueles que querem se aventurar a estudar esse conflito. Percebe-se que o autor, analisa uma farta documentação, e se propõe a realizar uma leitura minuciosa dos fatos.

Inicialmente, na obra de Doratioto, podemos perceber a amplitude que a Guerra atingiu, com a preocupação de entender com mais profundidade as razões do conflito, os objetivos e as consequências para os países envolvidos. Com relação a isso, o historiador comenta que:

Entre 1740 e 1974, o planeta teve 13 bilhões de habitantes e assistiu a 366 guerras de grande dimensão, ao custo de 85 milhões de mortos. O resultado dessas guerras parece ter sido um prêmio à agressão, pois em dois terços delas o agressor saiu-se vencedor e, quanto à duração, 67% terminaram em prazo inferior a quatro anos. A Guerra do Paraguai faz parte, portanto, da minoria, pois o agressor, o lado paraguaio, foi derrotado, e a luta se estendeu por cinco anos. Foi o conflito externo de maior repercussão para os países envolvidos, quer quanto aos aspectos políticos e financeiros. (DORATIOTO, 2002: 17)

Essas inquietações fazem parte dessa vertente historiográfica e dos trabalhos de diferentes historiadores, e dentre as principais preocupações dos estudiosos desse assunto está a compreensão sobre as possíveis razões dessa contenda. A obra de Doratioto critica, logo em seu primeiro capítulo, a tese dos revisionistas, de que a Inglaterra teria interesse no conflito entre as quatro nações (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai). Para isso, Doratioto segue dizendo que:

Na verdade, tanto a historiografia conservadora como o revisionismo simplificaram as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai, ao ignorar documentos e anestesiar o senso crítico. Ambos substituíram a metodologia do trabalho histórico pelo emocionalismo fácil e pela denúncia indignada. (...) Dessas atenuantes, porém, não se beneficia o revisionismo, em sua vertente imperialista (...). Contudo, continuar a defender, hoje, essa interpretação somente pode ser resultado da ignorância histórica ou, então, da natural dificuldade de se reconhecer o errado. (DORATIOTO, 2002: 20)

Por meio desse conjunto de fatores e da agressão sofrida pelo Brasil pela invasão do Mato Grosso, Doratioto rejeita a hipótese de que o imperialismo inglês seria o responsável pelo desencadear da guerra. O autor destaca, também, que a partir de 1840, o Brasil tinha uma política em relação ao Paraguai voltada para três objetivos: conseguir o acesso ao Mato Grosso através do rio Paraguai, delimitar de vez as fronteiras com o país guarani e, por último, conter as influências da Argentina sobre o Paraguai.

Com isso, o Paraguai visando seu interesse econômico na região platina, buscou ter uma absoluta liberdade de comércio

e navegação nos rios platinos, além de procurar impedir que o Brasil e Argentina se fortalecessem o suficiente para controlar a Bacia do Prata. Percebe-se que os mercados internos dos países platinos foram sempre abastecidos com produtos da indústria inglesa e que, em todas as guerras ocorridas nessa região, a sua influência foi sempre respeitável.

Já autores como Bethell (1995), Maestri (2010) e Menezes (2012), também dessa vertente historiográfica, consideram que a Guerra poderia ser evitada, mas não havia como o Brasil fugir dela. É perceptível que essa corrente, é bem mais diversa em argumentação, e leva uma grande vantagem sobre as outras comentadas anteriormente, já que teve maior acesso aos Arquivos Públicos e Privados para pesquisas, além de utilizar metodologias mais modernas e completas que as demais.

No entanto, considera-se que essas versões por hora apresentadas mostram diferentes perspectivas de interpretação da Guerra do Paraguai, tanto de León Pomer e Julio José Chiavenato, como de autores atuais, como Mário Maestri, Leslie Bethell e Alfredo da Mota Menezes e outros, que marcam, certamente, o processo historiográfico sobre a guerra. No revisionismo de León Pomer (1984), fica claro que o conflito aconteceu, devido à influência do imperialismo inglês, o qual impulsionou os países envolvidos, como Brasil, Uruguai e Argentina a lutarem contra o Paraguai.

Já em contrapartida a isso, a historiografia posterior ao revisionismo defende a ideia de que o conflito foi, sem dúvida, desencadeado pelos interesses não só da Inglaterra, mas também pelo processo de construção dos Estados nacionais do Rio da Prata. É notório, então, que esses debates historiográficos sobre a Guerra do Paraguai, ainda não estão encerrados, mesmo depois de 144 anos da finalização da guerra, e certamente não é um assunto que deve ser esquecido por parte dos historiadores, e nos ajuda a compreender o processo histórico latino-americano, como também a emergência do sentimento nacionalista diante das diferentes interpretações existentes.

Apresentação dos diários

Os diários aqui analisados possibilitam discutir o cotidiano e os dias vividos nos acampamentos, marchas e combates, destacando as dificuldades encontradas pelos combatentes durante a guerra (1864-1870), tais como a falta de alimentos, as enfermidades, mortes, a saudade dos familiares e amigos, entre outros problemas. Para isso, serão utilizados os registros dos memorialistas Euzébio José Antunes, *Memórias das Campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai* (2007), o texto de José Campello d'Albuquerque Galvão, *Diário da Guerra do Paraguai* (1995), e de José Luiz Rodrigues da Silva, *Recordações da Campanha do Paraguai* (1924).

Memórias do Capitão-Tenente Euzébio José Antunes

Ao analisar a obra “Memórias das Campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai”, de Euzébio José Antunes (2007), é perceptível que o objetivo principal desta é enfatizar o período em que o Almirante Tamandaré comandou as ações durante a intervenção do Brasil na República Oriental do Uruguai entre 1864 e 1865, destacando o autor, naquele contexto, que foi um dos mais difíceis períodos de sua longa carreira no serviço da Marinha do Brasil.

Deste modo, o Capitão-Tenente Antunes, autor do diário, utilizou como documentos para a realização de seu diário, principalmente cartas e correspondências de generais envolvidos nesse evento, (General Osório; Almirante Barroso; General Venâncio Flores e entre outros), ofícios do Ministro da Marinha, Diário de Bordo, como também correspondências particulares, a exemplo de cartas da família real. Por conseguinte, é notável como ele detalha os antecedentes do conflito que serviram de estopim à Guerra do Paraguai, traçando considerações a respeito desse evento, que neste momento ainda estava em curso inicial. Sobre o contexto da guerra, Antunes destaca:

A Guerra do Paraguai encerra uma preciosa lição para o Brasil, embora com o sacrifício do bem-estar e do futuro da geração atual, que já se mostra cansada por uma luta tão prolongada e cruel, e procura lançar a culpa desta situação tirante à lentidão e inércia na presente marcha das operações e a erros dos últimos governos, quando deve atribuí-los à improvidência a total confiança de uma paz estável no passado, de que todos que tiveram parte ou influência nos públicos negócios são responsáveis, sem distinção de partidos. (ANTUNES, 2007: 11)

Essa análise de Antunes nos remete ao fato de que outros episódios anteriores à guerra, já perturbavam a região platina, na qual são destacadas como exemplo as ações da esquadra imperial. Diante das colocações de Antunes em suas “Memórias”, fica evidente que o mesmo supervaloriza a importância da Marinha Brasileira nesse conflito sangrento, e que por vezes, esta instituição nem sempre é devidamente lembrada pela historiografia brasileira sobre a guerra. Vale ressaltar que houve, também, constantes solicitações, feitas por ministros militares, destacando a necessidade, tanto de pessoal, como também de material, para fazer frente ao propósito da preservação da paz naquele período.

Diz Antunes:

Temos direito em falar esta linguagem; porque nunca partilhemos essa confiança e improvidência que das altas regiões do poder, e do seio do Parlamento Nacional se procurava implantar nas massas populares, e que nos fez adormecer nas proximidades de um vulcão; e para provar a nossa tese, e evitar que a História registre uma grande injustiça nacional, é que hoje lançamos mão da pena para escrever este esboço imparcial. Com efeito, já em janeiro de 1860, publicamos na “Resenha Marítima” do *Diário de Pernambuco* estas palavras, com as quais procurávamos despertar o País, e mostrar-lhe como devia considerar a República do Paraguai em relação ao Brasil. (ANTUNES, 2007: 11).

Assim, nas considerações do Capitão-Tenente Antunes, um personagem atuante no conflito, destaca-se o claro propósito de justificar as ações e a atuação da Marinha Imperial e do seu Comandante Chefe, o Almirante Tamandaré, que fez várias tentativas de conciliação, para tentar resolver, no seu entender, pela paz, as contendas daquela região.

Segundo o diário de Antunes, em 29 de agosto de 1864, Tamandaré expediu ofício para o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, explicando aos seus comandantes de navio que a missão era exclusivamente para obter satisfações do governo uruguaio pelos agravos sofridos por brasileiros, bem como obter garantias para eles e para seus bens. Não havia a intenção, continuou, de molestar habitantes pacíficos, nem de humilhar a soberania do Uruguai. Também teceu considerações sobre possíveis represálias, de que só convinha exercê-las no que afetasse imediatamente esse governo e que, até então, tinha se limitado a pressões morais para lhe tirar o prestígio, sem ofender os particulares. Comentou, em seguida, que um procedimento contrário poderia levar a uma guerra declarada, para a qual não se julgava preparado, “pelo risco de se reunirem as duas bandas do Rio da Prata contra nós.” (ANTUNES, 2007: 42).

Além do relato dos altos índices de chuvas, esse diário sobre a guerra apresenta a preocupação do seu autor com as características dos rios platinos. O espaço fluvial paraguaio se mostrava inadequado à navegação dos navios brasileiros, pois os mesmos possuíam grande calado e não foram bem adaptados para atuarem em rios. O narrador reafirma queixas com relação às dificuldades e os combates:

1º de junho

Houve excelente noite, e o vento ainda pelo norte; o que não deixa de ser desagradável, por não poderem com ele subir os navios de carvão e mantimentos; em breve nos escasseará a carne. Como ao partir contávamos obter pão e carne em Corrientes, e este recurso nos falhou por ter sido esta cidade ocupada pelos paraguaios, principiamos a consumir logo a bolacha e carnes salgadas que trouxemos. (ANTUNES, 2007: 111).

Essas observações do autor, embora estas estejam registradas fielmente no diário do Chefe Barroso, foi extraído por Antunes, por serem referentes ao ataque a Corrientes no ano de 1865.

As experiências durante a vida de uma pessoa são muito importantes para orientar suas atitudes. Tamandaré, até 1864, já havia participado ativamente de dois conflitos externos, da

Guerra de Independência e da Guerra Cisplatina. No primeiro caso, a ação rápida e eficaz de Cochrane no comando da Esquadra brasileira levou, em cerca de oito meses, à adesão de todo o território brasileiro à causa da Independência. No segundo, a indecisão da luta em terra e o prolongamento da guerra fizeram com que se buscasse a arbitragem externa, com resultados apenas parcialmente satisfatórios em relação ao que o Brasil desejava na época.

O autor deixa claro que a ação de Tamandaré no comando da intervenção brasileira foi eficaz. Em poucos meses, resolutamente, agiu com a violência que a situação exigia e cumpriu sua missão, empregando os meios militares que dispunha. Cabia-lhe, portanto, agir rápida e eficazmente na Campanha Oriental, como lhe apontava, corretamente, sua experiência pessoal. Como reconhecimento por sua ação na Campanha Oriental, Tamandaré foi homenageado com o título de visconde.

Observa-se que as *Memórias* de Euzébio José Antunes colaboram para a enunciação dos elementos cotidianos posteriores do conflito, se convertendo em rica documentação para a análise dos encaminhamentos históricos da Guerra do Paraguai. O depoimento do Capitão-Tenente Euzébio Antunes, além de transcrever e citar diversos documentos, como já referido, traça também considerações a respeito, opinando sobre as “certezas” deixadas pela guerra ainda em curso na época. O autor se apoia em documentos (cartas, ofícios, correspondências) pelos quais revela suas preocupações e motivações destacando o olhar de quem estava inteiramente envolvido nos acontecimentos que desencadeou a guerra e seu curso inicial.

Diário do soldado Voluntário José Campello d’Albuquerque Galvão

Constata-se que o “Diário da Guerra do Paraguai” (1995), foi publicado a partir do manuscrito original arquivado no Instituto Histórico e Geográfico do Exército, órgão ligado à Secretaria Geral de Guerra, no Quartel General, no Rio de Janeiro, nessa época dirigido pelo General Valentim Benício da Silva. O diário de José Campello d’Albuquerque Galvão, foi deixado por este

soldado e entregue ao autor de sua publicação, José Fernandes de Lima, por seu neto Mário Campello, com o propósito de divulgar sua trajetória durante a Guerra do Paraguai e, também, para manter a memória do seu parente e de alguns fatos históricos da época.

Assim, o autor José Fernandes de Lima, fez a transcrição do diário original para sua publicação, e nesta se destacam vários aspectos da vida agitada e ricos acontecimentos que Galvão enfrentou na Guerra do Paraguai, iniciando pelas viagens, passando pelos acampamentos em diferentes cidades e por fim, relatando as batalhas enfrentadas durante todo seu percurso vivido ao longo do conflito.

Segundo Galvão:

Eis a realidade da guerra e a que se expõe aquele em cujo peito arde a centelha do sagrado amor à Pátria. Quão mal temos sido compreendidos! E que estará reservado para aqueles que, a tudo resistindo, levarem a seus lares cansados dias e uma existência curta e carcomida pelos males físicos que vamos adquirindo numa vida onde a mais forte natureza cede aos trabalhos e maus tratos de que se cerca! Sujeito ao péssimo alimento, miasmáticas águas e exposto ao tempo como animais! Vê-lo-ei se Deus me conservar a vida. (GALVAO, 1995: 89)

A citação destaca o que José Campello d'Albuquerque Galvão enfrentou durante as marchas e batalhas na Guerra do Paraguai, sempre mencionando o sentimento de amor pela sua pátria, motivo de sua ida aos campos de batalha. Contudo, ao nos aprofundarmos nas memórias desse personagem, verificamos também, com grande destaque, a exaltação da saudade dos entes queridos:

Hoje, faz 13 meses e 2 dias que deixei minha casa e meus filhos. Sinto em mim uma necessidade de vê-los. Acho-me saudoso e pesarosíssimo. Conheço a grande falta que estou fazendo a todos estes entes a quem votei meus dias. E quando os verei, não sei. Quem sabe se terei este dia, o futuro está nas trevas. Deus me dê resignação, porque também sem estar vingada a honra nacional meu lugar é este que ocupo. Ainda que, para sustentá-lo, findem-se meus dias. (GALVÃO, 1995: 84)

Levando em consideração o que esses participantes enfrentavam, podemos perceber os aborrecimentos e tristezas diante da realidade da guerra, destacando os obstáculos que esses voluntários e ‘patriotas’ mencionam no decorrer das memórias.

As dificuldades também aparecem nos escritos de José Campello quando este descreve as bruscas mudanças climáticas ocorridas nos rios platinos. Num primeiro momento, tendemos a direcionar as análises afirmando que o clima se converteu em empecilho que dificultava as ações dos soldados, pois parecia abater os ânimos deles. O autor do *Diário* diz então que:

[...] Depois de estar tudo formado, o tempo cerrou-se e uma tormenta terrível apareceu: relâmpagos, trovões, chuva e um vento fortíssimo atordoou tudo; após seguramente uma hora de forma, recebemos ordem para armar barracas e esperar que o tempo melhorasse; a muito custo, já tudo molhado, e só clarão dos relâmpagos, armaram-se algumas barracas; a minha cama de varas já estava inutilizada, o chão molhado; acomodei-me sobre umas quatro varas levantadas dum lado, fiz da bolsa travesseiro e, sem ao menos poder mover-me, dormi um longo sono. Pela manhã, quando acordei, vi que debaixo de mim tinham-se quebrado garrafas na ocasião de levantar-se acampamento, e que, se porventura, durante a noite, a cama se quebrasse, eu me teria cortado sofrivelmente; João, que tinha se abrigado em minha barraca, estava estendido no chão, tendo os pés fora da barraca. (GALVÃO, 1995: 69-70).

Nos acampamentos das tropas imperiais constatou-se, também a insegurança e a incerteza do futuro, o medo da morte e um sentimento de desânimo e desesperança com a guerra e com os comandantes, já que o tom fúnebre pairava no ar. Continua ele:

A morte continua a ceifar importantes vidas: hoje, assisti ao enterro dum médico, o Major Tito Regis (da Bahia); há três dias, sepultou-se o Major Elói, do 34 (Pará); um Comandante de Brigada, o Coronel Frexton, há dias teve o mesmo fim; Capitães e subalternos morrem quase que semanalmente, para não dizer diariamente. É isto o que se chama Guerra... (GALVÃO, 1995: 110).

Geralmente, as tropas se identificavam com os comandantes e quando esses militares se ausentavam, afastavam, e até mesmo morriam, como fica claro na citação acima, os soldados ficavam sem referência e desanimados. Segundo Campello: “Embarcou, hoje, para Corrientes, doente, nosso simpático General Comandante da 2ª Divisão, Joaquim José Gomes Fontes. Quase toda a oficialidade da 2ª Divisão assistiu a seu embarque, e a maior parte com lágrimas nos olhos;” (GALVÃO, 1995: 126), nesse caso, o General havia se retirado, para que pusesse se tratar.

As doenças e a saúde desses participantes estavam, direta ou indiretamente, relacionadas com a alimentação e as dificuldades impostas pela natureza no ambiente de luta. Durante a Guerra do Paraguai não havia um fornecimento regular de alimentação e isso deixou as tropas mais suscetíveis às enfermidades. Galvão descreve mais uma morte devido às doenças:

Acabo de assistir ao enterro do Tenente 36 de Voluntários, Liberato Augusto Pereira Lomba – 36 anos de idade e era ajudante do Corpo nº 36 - uma hidropsia¹ no peito matou-o em três dias; marchara doente e era conduzido nas carretas, isto sem dúvida abreviou-lhe os dias. No meio do campo, cavou-se uma sepultura, fez-se uma cruz tosca de madeira e rodeado por companheiros darmas, depois de feitas as cerimônias fúnebres pelo Frei Carneiro, que recitou uma alocução adequada, teve sepultura seu cadáver. Eis em que se encerrou a vida, a glória dum pobre moço que, *ébrio do fogo do Patriotismo*, abandona tudo – lar, mulher e filhos – para vir acabar no meio do campo e dar ao seu cadáver uma sepultura inglória, a par dos animais que diariamente enterramos. (GALVÃO, 1995: 73-74).

Aqui é preciso destacar que muitos combatentes já chegavam aos acampamentos e campos de batalha, fracos, desnutridos e doentes, como percebemos nas memórias escritas e deixadas por esse participante voluntário.

Terminada a guerra, Galvão retorna a sua cidade, pela qual retoma sua profissão de advogado. Posteriormente foi candidato estadual em várias legislaturas, representando a região em que habitava. O diário pessoal do advogado e promotor público de

1 O editor menciona que no diário manuscrito original esta palavra está indecifrável.

Maranguape/PB, José Campello d'Albuquerque Galvão constitui-se como importante relato testemunhal, que fornece elementos para o estudo do cotidiano da guerra, com ênfase na descrição das marchas, acampamentos, batalhas, episódios militares e políticos que envolveram os soldados no conflito. José Campello apresenta no diário sua visão sobre os personagens envolvidos no conflito, relatando em detalhes e com clareza as movimentações das tropas aliadas nas batalhas em que esteve envolvido e enquanto esteve presente nos acampamentos.

Diário de José Luiz Rodrigues da Silva

O diário “Recordações da Campanha do Paraguai” (1924), foi escrito pelo General brasileiro José Luiz Rodrigues da Silva, que também participou diretamente do conflito. Este também discorre sobre inúmeros aspectos relacionados à Guerra do Paraguai, como já foi citado quanto a outros diários analisados. Ele acrescenta que a historiografia sobre a Guerra do Paraguai (1865-1870) ainda é relativamente escassa, considerando o período no qual escreve (final do século XIX; publicado em 1924), e conseqüentemente seu diário irá contribuir, de certa forma, para a historiografia a respeito deste episódio, como demonstra:

Não há duvidar: *Recordações da Campanha do Paraguay* é o livro de que os brasileiros tanto necessitavam, para conhecerem sem enfado – antes com satisfação e deleite – a descrição da guerra gloriosa que mais avulta no conjunto de nossas grandezas militares. (SILVA, 1924: 4)

Silva destaca, com base em suas memórias, as grandes perdas humanas entre civis, militares e também de Voluntários da Pátria que seguiram com o Exército brasileiro. Perdas estas não só em decorrência das lutas e combates, mas também em função da fome e das epidemias que se alastraram durante o confronto que se estendeu por cinco anos. Com relação ao cotidiano desse general participante da guerra, destacamos as memórias dos exercícios e preparação dos corpos militares para as batalhas, nesse caso os:

Exercícios faziam-se quotidianamente. Pela manhã, escolas de recruta e pelotão; á tarde, de batalhão em ordem cerrada ou extensa. Era mais fácil o céu criar flores do que não haver formatura para esse myster, desde o toque de alvorada, uma vez que o dia permitisse. (...) O autor destas linhas recorda-se, sem saudades, é preciso que se diga, do celebre simulacro de assalto áquella praça de guerra, escalando-a a marche-marche, mochilla ás costas, que parecia pesar 50 arrobas, pois á essa época orçava pelos annos frágeis da vida vedejante. Mal suportava a tremenda carga bellica. Simplesmente um horror! Regressou extenuado e enfermo por ausência do necessário treino, condição essencial ao soldado, sobretudo ao de infantaria. (SILVA, 1924: 21)

Note-se o destaque sobre como eram rígidos os exercícios físicos desses homens, muitos dos quais nunca antes tiveram qualquer preparação militar, para enfrentar os combates, aumentando dia após dia os treinos, que em parte podem ser atribuídos aos longos períodos de inação militar, como também algumas batalhas contínuas. O mesmo, ao se referir às mortes dos soldados e voluntários, conta que:

[...] as tropas novatas e as antigas, entregavam-se a continuados exercícios, comquanto as primeiras soffrendo immenso com a mudança radical do clima, da alimentação, mórmente as procedidas (sic) do norte do Brasil. Ahi registramos baixas enormes, e os cemitérios atulharam-se. Causava lastima, ver como a desynteria ceifava impiedosamente. Houve necessidade palpitante de suspenderem-se os exercícios diários e apressar a transposição do Urugnay (sic). (SILVA, 1924: 27)

Tão cruéis quanto às mortes nas batalhas frente aos inimigos paraguaios, o clima e a natureza também eram inclementes. Outro ponto interessante, que vale mencionar com relação às memórias deste participante, é o que eles faziam durante as noites e dias em que ficavam nos acampamentos, ou seja, as formas que os mesmos procuravam para se distrair e esquecer, por instantes que fossem, que estavam diante de uma guerra. Assim, Silva diz que:

Logo ao cair da noite, principiavam a gemer os violões, cavaquinhos, violinos e flautas, até o toque de silêncio, seguidos dos clássicos descantes *á luz da seductora lua*. Com os mesmos materiaes,

levantavam-se theatros, salões para bailes, banquetes e jogos. Quem dera, a esse tempo, o cinema; se já fosse uma realidade, claro, entraria em scena aberta! Viviam-se, enfim, em constantes folguedos, e quem na pátria não houvesse deixado esposa nem filhos, gosava os dias em meio de perfeito regalão. A cidade de Corrientes demorava a curta distancia e, já se vê, proporcionava-nos também regulares distrações, sem falar no bello concurso gentil sexo fraco, ahi representado com elegância. Os soldados, pelo menos os de infantaria, entretinham-se em ver laçar o gado para a carneação, e, na pesca deliciosa aos jacarés, de que a lagoa era povoadissima. Para isto, atravessavam um pedaço de madeira coberta com carne na extremidade de qualquer corda reforçada, e, assim, os fisgavam. Na dificuldade de tiral-os da água, para o que se juntava grande numero, consistia o passatempo predilecto. (SILVA, 1924: 33)

Observe-se que as distrações citadas são variadas, destacando-se nesse contexto, as festas realizadas, a forma como exaltavam as mulheres, as rodas de conversa acompanhadas por bebidas, nas noites em que mencionavam suas lamentações e saudades de familiares.

Os soldados em combate precisavam de energia para enfrentar as batalhas e a fonte energética era, essencialmente, uma alimentação adequada. Deste modo, a ausência de alimento, além de comprometer o sucesso nos confrontos, deixava os combatentes vulneráveis a doenças, levando-os ao óbito. Isso era comum naquele contexto e esse quadro se agravava não só pela falta de alimentos como mencionado, mas também pela falta de profissionais da saúde nas trincheiras.

A base de alimentação dos soldados era carne, mas o seu abastecimento era precário e, com isso, esse serviço foi alvo de fortes críticas, pois os militares ficavam dias sem a sua reposição. Com a irregularidade no fornecimento de gêneros alimentícios, formou-se nos acampamentos um grupo de comerciantes, sobretudo estrangeiros, que cobravam caríssimo pelos produtos alimentícios que vendiam, como destacado também nos outros diários analisados. Diante dessa calamitosa situação, os soldados procuravam alimento e não tinham nenhum pudor em consumir qualquer coisa que se parecesse com comida, já que a fome era tanta que chegavam a sonhar com alimentos. José Rodrigues da

Silva destacou que:

[...] A preocupação geral visava tão sómente o meio de se sahir da emergencia acabrunhadora e afflictiva. Os soldados ao serviço particular dos officiaes, camaradas, esforçavam-se por descobrir qualquer cousa, ao menos assemelhando-se a alimento, e voltaram com um vegetal a que chamavam - carurú - mas que não passava de viçoso capim. Cozido, sem sal, na agua pura, foi esse durante 4 ou 5 dias, o nosso sustento, disfarçando um tanto a fome canina. Quando surgiu um quarto de ração do principal adubo, deitado por completo no cozimento, a ingestão do repasto infame nos entumeceu de modo extraordinario toda a região do estomago, produzindo mal estar insupportavel. Quasi não nos podiamos ter em pé, tal o nosso estado de fraqueza. Assentados, para erguer-nos, a vista escurecia-se e difficilmente nos continhamos na vertical. O somno era frequente. Durante o seu dominio, deparávamos com esplendidos e lautos banquetes em que abundavam as melhores e mais exquistas iguarias deste mundo. (SILVA, 1924: 84).

Nos acampamentos, por ocasiões, as tropas não tinham alimento para os animais, obrigando cavalos e mulas a saídas para procurar pastagem, deixando os soldados sem apoio para locomoção. Essa prática, além de deixar as forças aliadas em perigo diante de um ataque inimigo, cansava os animais, que muitas vezes ficavam imóveis e até mesmo morriam. Ainda sobre o problema na alimentação e em relação ao tratamento dos animais, José Rodrigues verificou:

Não se tratava os animaes com o preciso interesse proporcionando-se-lhes alimentação sufficiente, saudavel, succulenta. Recorria-se somente ás pastagens das vizinhanças dos campos que atravessavamos, e, essas, ligeiramente, trazendo-se a cavallhada debaixo de pastoreios e respontes constantes, de modo que vivia enfraquecida, exausta, incapaz de serviço aturado e urgente. Dispendiam-se, seguidamente, em remontas, fabulosas quantias, em pura perda, porque a praxe não soffria reforma. Não raro, em marcha, viamos soldados de arreios ás costas. (SILVA, 1924: 41).

Através da historiografia de trincheira (MAESTRI, 2010), ou seja, aquela produzida pelos combatentes nos campos de

batalha (memórias, diários, cartas), observa-se que a grande preocupação das tropas foi mais a sua adaptação e sobrevivência no *front* do que em relação ao inimigo paraguaio. Na leitura desses memorialistas citados acima se percebeu algumas situações mais frequentes do que outras. A falta de gêneros alimentícios, a inexistência de condições sanitárias e de tratamento médico adequado aos combatentes, o atraso no pagamento dos soldos, a precariedade do transporte das tropas, o tratamento diferenciado nas forças armadas do Império, sobretudo dos oficiais para com os subalternos, a desesperança e nostalgia que afetavam os soldados. Sobre as condições de guerrear e as situações a que os militares eram expostos, José Luiz resume, “Nada tínhamos organizado. Faltava tudo.” (SILVA, 1924: 32).

O pagamento destinado aos militares na Guerra de Paraguai era de extrema importância para os combatentes, já que por inúmeras circunstâncias, as tropas ficavam sem nenhum tipo de alimento e tinham que recorrer à compra de gêneros alimentícios a preços inflacionados junto aos comerciantes. Todavia, conforme os relatos desses memorialistas havia, frequentemente, atrasos no pagamento dos vencimentos, chegando esse prazo até um ano, essencialmente com os de baixa patente.

Ainda em relação aos pagamentos, outro ponto que merece destaque é que os soldados, sobretudo os subalternos, tinham que ter cuidado para não danificar o material das forças armadas, pois assim não corriam o risco de ter seus proventos, normalmente pagos com atraso, reduzidos por descontos. De acordo com Silva:

Naquelles deshumanos tempos de antanho, o extravio de qualquer peça de fardamento por parte das praças do Exército, além do desconto da quinta parte do soldo, importava em pancada de espada de prancha. E é que não havia fugir dahi! O regulamento era implacavel, e nem se levava em linha de conta o acaso, o imprevisto da falta, nem mesmo o exemplar comportamento do soldado. Simplesmente uma barbaridade! (SILVA, 1924: 128).

Verifica-se a exacerbação desse tipo de ocorrência, por exemplo, com o retorno do General Osório, em julho de

1866, ao Rio de Janeiro, em virtude de uma enfermidade, e o constrangimento e desânimo para os combatentes ante a postura de seu substituto, o General Polydoro, que não foi bem aceito pelas tropas. Conforme descreve Rodrigues da Silva:

Todos os dias, abandonavam o theatro da guerra officiaes de prestigio notavel, acabrunhados com a impenetrabilidade, a intolerancia, o rigorismo feroz do novo chefe, antithese perfeita do seu antecessor. O exodo só paralisou, com a chegada de Caxias, homem aguerrido, de relevantes e inilludiveis serviços á patria, de competencia administrativa diferentes vezes comprovada. (SILVA, 1924: 54).

Ainda com relação a essas *Recordações*, podemos destacar, como última observação a propósito da descrição, como o autor mostra preocupação com às formas da escrita, embora seja perceptível nas citações anteriores, nos quais o ritmo da linguagem se impõe de forma diferenciada, e que ao final merecem a observação do autor, de forma que:

Terminando estas insignificantes recordações escriptas sem literatura e sem valor intrínseco, mas de genuína veracidade, apello para a benevolencia dos leitores, afim de desculparem e não se preocuparem com os inumeros erros de redacção nellas contidos e que poderão facilmente corrigir-se. (SILVA, 1924: 128).

José Luiz Rodrigues da Silva foi um militar brasileiro, combatente da Guerra do Paraguai, que alcançou o posto de General de Brigada honorário e Capitão reformado do Exército. Foi cavaleiro das imperiais ordens de Christo, Rosa e São Bento de Aviz; condecorado em virtude da atuação nas Campanhas do Uruguai, em 1865, e do Paraguai. Recebeu premiações dos governos argentino e uruguaio em decorrência dos serviços militares prestados na Guerra da Tríplice Aliança. Seus apontamentos são ricos em informações pertinentes a guerra, desde as suas causas, a fome dos combatentes, os problemas relacionados ao transporte das tropas, a falta de recursos aos soldados, a caracterização geográfica do Paraguai e, a outros interesses que estavam em questão como, por exemplo, os

empréstimos financeiros oferecidos aos militares no final do conflito, visto que havia atraso no pagamento dos mesmos.

O relatos e as reflexões destes decorrentes contribuem sensivelmente para contemplar esse contexto histórico de múltiplas e variadas descrições de feitos militares, batalhas e aspectos do cotidiano da guerra.

Diante disso, esse artigo busca mostrar aspectos do passado de forma a dar visibilidade aqueles ou aquelas que outrora foram silenciados e/ou emudecidos, numa atividade igualmente complexa de construção discursiva e plausível sobre a história, na qual apontamos nossas próprias e mais íntimas visões e apreciações sobre as experiências em dias vivenciados nos campos de batalha. Assim, podemos apontar indícios de inquietações, reflexões e pensamentos que retratam as experiências vividas no dia-a-dia por soldados militares, políticos, homens, amigos, maridos e pais, ou seja, agentes sociais que estão diretamente inseridos no contexto histórico da Guerra da Tríplice Aliança.

Considerações finais

Diante das análises das fontes e obras relativas ao objeto desse artigo, constata-se que estes diários e reminiscências de participantes e voluntários na Guerra do Paraguai, nos remetem a recomposição mais detalhada, pormenorizada e específica, por vezes minuciosas, das situações e vivências cotidianas dessas pessoas que seguiram para guerra.

Vale ressaltar que essas narrativas históricas mencionam as memórias cotidianas da Guerra do Paraguai, por assim dizer, relatando, desde as dificuldades enfrentadas por esses participantes no decorrer das batalhas frente aos paraguaios, como os acampamentos e a convivência diária, no qual se destacam os enfrentamentos nos campos de batalha e demais dias angustiantes, isto é, representam o que foi sentido, vivido e lembrado, enfatizando de tal forma as lembranças de familiares, doenças e mortes. É por meio desse contexto que cruzamos e problematizamos essas informações, que contribuem para

reconstituir alguns aspectos desse enorme mosaico correspondente ao contexto histórico conhecido na historiografia brasileira como Guerra do Paraguai.

Por meio dessas memórias (diários, reminiscências), escritas por esses participantes durante a guerra e logo após a mesma, percebemos que são ricas fontes para compreender, por exemplo, alguns aspectos ligados à construção da identidade nacional brasileira, principalmente no século XIX, pois as mesmas revelam um pouco do ideário, das condutas e comportamentos dos brasileiros que lutaram contra o Paraguai, construindo, reconstruindo ou assimilando elementos identitários face ao outro, nesse caso os paraguaios, ou no contato com os seus, nesse caso os diferentes recrutados, vindos das mais diversas regiões do país.

As fontes informam não somente o desenrolar do tempo histórico (cronológico), mas, também, atrelam o ‘tempo natureza’ à lógica e ao desenrolar dos combates. Resgatar esse passado significa dar voz a esses relatos enquanto documentos históricos, investigando com minúcia às informações mais concretas ou mais modestas, iluminando as lembranças mais apagadas dos soldados que deixaram registrado seu cotidiano.

Referências bibliográficas

ALAMBERT, Francisco. O Brasil no espelho do Paraguai. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem Incompleta a Experiência Brasileira (1500-2000) Formação: Histórias*. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 301-329.

ANTUNES, Euzébio José. *Memórias das campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai*. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2007.

BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina da Independência a 1870*. São Paulo: Editora EDUSP; Imprensa Oficial do Estado; Brasília DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004. V. III, p. 771-828.

BETHELL, Leslie. Cronologia da Guerra. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães. (Org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro,

Relume-Dumará, 1995.

CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. 14. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COSTA, Wilma Peres. **A espada de Dâmocles**: o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império. São Paulo: Hucitec – ed. UNICAMP, 1996.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, José Fernandes. GALVÃO, José Campello d'Albuquerque. *Diário da Guerra do Paraguai*. [S.L], Unigraf, 1995.

MAESTRI, Mário. A Guerra Contra o Paraguai: História e Historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]. In: *Nuevo Mundo / Mundos Nuevos*. Disponível: < <http://nevomundo.revues.Orgs/55579> >. Consultado: 10 abr 2013.

MAESTRI, Mário. Guerra do Paraguai: Instauração e Restauração da Historiografia Nacional-Patriótica. In: *Revista Espaço da Sophia*. nº 38, Junho/Julho 2010, Bimestral, Ano IV.

MENEZES, Alfredo da Mota. *A Guerra é nossa: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Contexto, 2012.

MILANESI, Dálcio Aurélio. Sobre a Guerra do Paraguai. In: *Revista Urutáguia, revista acadêmica multidisciplinar*. 2004, Nº 05, Maringá/Paraná/Brasil, Disponível: < www.uem.br/urutagua/06his-milanesi.htm >. Consultado: 20 jun 2013.

POMER, Leon. *La guerra del Paraguay: gran negocio!* Buenos Aires: Coldén, 1968.

POMER, Leon. *Paraguai: nossa guerra contra esse soldado*. São Paulo. 2 ed; Global, 1984.

SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai**: escravidão e cidadania na formação do Exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SILVA, José Luiz Rodrigues. *Recordações da Campanha do Paraguay*. São Paulo: Comp. Melhoramentos, [1924?].

VAS, Braz Batista. A Guerra do Paraguai em suas flutuações historiográficas: algumas reflexões. In: SILVA, Norma Lucia da; VIEIRA, Martha Victor. (Orgs). *Ensino de História e formação continuada: teorias, metodologias e práticas*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013, p. 51-68.

VAS, Braz Batista. *O final de uma guerra e suas questões logísticas: o conde d'Eu na Guerra do Paraguai (1869-1870)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.